

# Passando ao Lado Mas Ainda Dentro

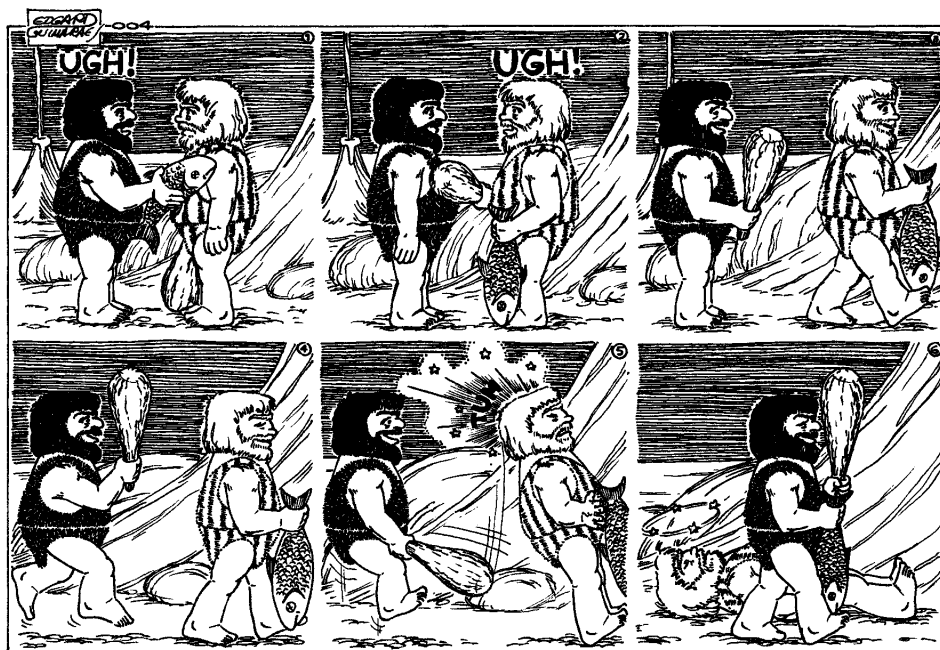
## 3

## HISTÓRIA EM QUADRINHOS CÓPIA OU COINCIDÊNCIA

Edgard Guimarães

Inicialmente, vou tratar de trabalhos com grande semelhança entre si, feitos por artistas distintos, sem que um soubesse da existência do outro. Depois tratarei de outros casos, como o do artista que faz cópias não intencionais ou inconscientes; as cópias intencionais mas lícitas, como as referências; e as cópias legais como paródia e paráfrase. Vou me restringir a casos ocorridos comigo.

Começo com a página abaixo, de uma série produzida no início de 1978 para publicação no jornal **Clarim**, de Itajubá (MG). Infelizmente essa página não foi publicada no jornal.



Em março de 1982, saiu a página abaixo, de autoria de Al Jaffee, na revista **Mad** nº 93 da editora Vecchi. Não consegui descobrir quando a página foi publicada originalmente na **Mad** norte-americana, mas de qualquer forma eu não tinha acesso a esse material na época. A ideia não é exatamente a mesma, mas é muito parecida.



Não sei exatamente quando fiz a página abaixo, mas sua primeira publicação foi na seção de cartas da revista **Circo** nº 5, da editora Circo, em agosto de 1987. A principal característica desta HQ foi dividir uma página em 150 quadrinhos, 15 linhas de 10 quadrinhos cada.



A página abaixo saiu no Brasil no livro **Concreto**, de Paul Chadwick, publicado pela editora Devir em 2004. Originalmente, saiu na revista **Concreto** nº 2, em maio de 1987, publicada pela editora Dark Horse. Embora seja anterior à publicação de minha página, não é em relação a quando produzi minha HQ, vários meses antes de sair na revista **Circo**. A semelhança, neste caso, é apenas na diagramação da página, o conteúdo é totalmente diferente.



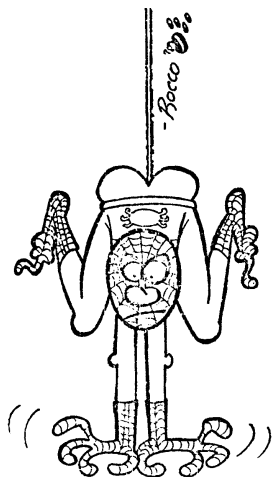
No **PSIU 1**, que lancei em junho de 1982, eu publiquei a HQ dos trogloditas da primeira página deste encarte e comentei que a HQ do Al Jaffee havia sido publicada na **Mad**.

A propósito disso, o César Ricardo Tomás da Silva, ainda em 1982, me escreveu o seguinte:

“Você comenta que, por vezes, uma ideia nossa aparece numa revista qualquer, desmerecendo-nos. Comigo ocorreu parecido: escrevi um conto onde, num planeta muito maior que a Terra, repleto de planícies arenosas e dunas, seus habitantes viviam em constante guerra. Usavam gigantescos tanques de batalha (gigantescos mesmo) tais como veículos de 50 rodas, cada uma com 10m de diâmetro. 1ª coincidência: Um ano depois a revista **Heavy Metal** publicou em sua capa uma ilustração bem a propósito do meu conto (março de 1979). Achei muito interessante, pois a ideia do conto surgira através de imagens fornecidas por algumas HQs de Super-Homem e Brigada Jovem, na revista **Homem de Aço**; o filme **O Ônibus Atômico**; e a HQ ‘Paul Bunyan’ de Walt Disney. Fica claro que tais influências tiveram intervalos de anos entre si, mas participaram na inspiração do conto. Portanto, não seria impossível que o mesmo ocorresse com alguém nos EUA. 2ª coincidência: Os tanques de batalha de meu conto tinham formatos de animais: peixes, insetos, mamíferos etc. Três anos depois, surge uma HQ dos X-Men com a princesa Lilandra numa nave semelhante a um inseto. 3ª coincidência: Desta vez no enredo. Meu conto é bastante dramático. Encontrei algo semelhante na revista americana underground **Magic Carpet**. Há diferenças, mas o “tchan” do conto é o mesmo.”

“Meu colega, o Mário, em sua série ‘Cubinho’, publicou, certa feita, uma tira em que seu personagem olhava para o céu e dizia: – ‘É um pássaro? É um avião?’. No segundo quadrinho, um monte de metal retorcido está caindo sobre ele, que fala: – ‘Não, é o Skylab’. Pois bem, uma semana depois, a Maurício de Sousa Produções publicava, no mesmo jornal, uma tira do Bidu com o mesmo texto, roteiro e argumento. Impressionante!”

O caso a seguir é diferente. Fiz o cartum abaixo à direita em 1992, enviei a um fanzine, mas não foi publicado. Recentemente, procurando alguma informação em fanzines, achei este cartum, abaixo à esquerda, de Luigi Rocco, publicado em **Quadrix** nº 2, em maio de 1984. Certamente eu tinha visto esse cartum na época, mas quando fiz o meu, oito anos depois, não me lembrava mais dele. Pode ser que estivesse totalmente esquecido e tive a minha ideia parecida por coincidência. Afinal, é uma ideia que pode passar pela cabeça de um leitor do Aranha. Mas o mais provável é que o cerne da piada tenha ficado escondido no fundo da mente e vindo à tona quando me propus a fazer cartuns com heróis Marvel. Notem que a ideia é a mesma, mas a caracterização do herói é diferente.



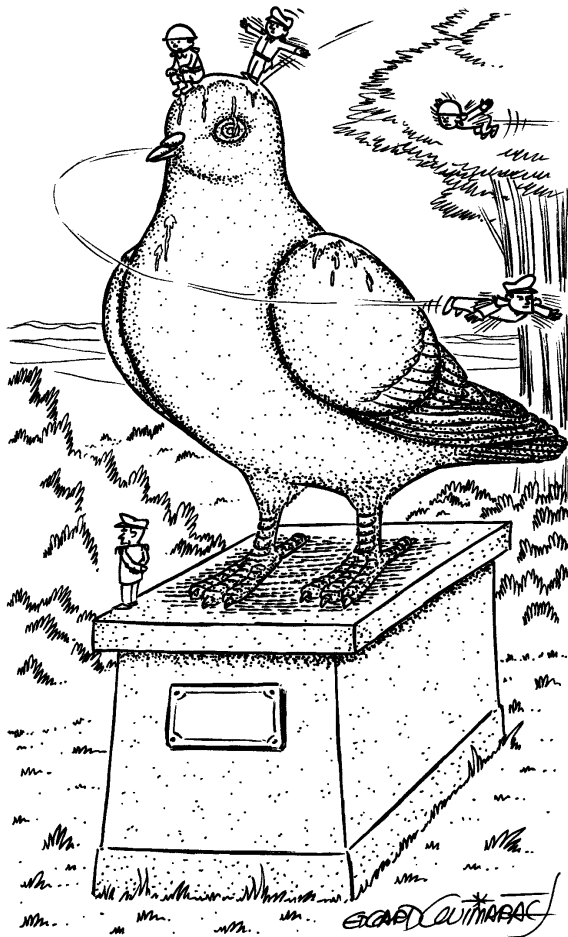


No caso seguinte há um quê de mistério. Para participar do livro **Humor pela Paz**, organizado pela editora Virgo, em 2002, fiz cinco cartuns com o tema especificado: 'Paz'. Assim que tive a ideia para esse cartum mostrado ao lado, tive a impressão de já ter visto algo parecido feito pelo Quino. Embora a impressão fosse de ser um trabalho de Quino, eu não tinha nenhuma lembrança clara de como seria o suposto cartum original. Fiz o desenho, mas quis tirar a dúvida. Procurei em dezenas de livros de cartuns de Quino que tenho, publicados no Brasil, Portugal, Argentina e Espanha, e não achei nada parecido. Procurei de novo. Por via das dúvidas, fiz outro cartum para substituir esse no livro da Virgo. Mas na hora de enviar à editora, acabei mandando esse mesmo em vez do substituto.

Na festa de lançamento do livro, em São Paulo, com a presença da maioria dos autores participantes, um deles passou por mim e fez um ligeiro comentário sugerindo que já tinha visto antes aquela ideia de cartum. Não falou nada claramente. Como nem parou para falar, nem estiquei a conversa. Mas foi o bastante para eu tornar a procurar em toda minha coleção de Quino. Toda? Não! Como a ideia era de cartum, nem pensei em procurar nos livros de Mafalda. Será que a ideia tinha aparecido numa tira da Mafalda? Lá vou eu procurar em toda a Mafalda. Também não achei.

Fica aí o mistério. Será que essa ideia também estava escondida no fundo de minha mente? Mas quem será o autor original? Também não é uma ideia tão elaborada que outro não pudesse ter.

Na imagem ao lado, mostro o último quadro de uma HQ desenhada por Jack Davis, com texto de Al Jaffee, publicada em **Mad** nº 51, em setembro de 1978, com um tipo de ideia na mesma linha de inversão de valores.



Mais um exemplo que talvez seja coincidência, talvez venha de uma ideia já vista e quase esquecida. Agora o trabalho original é mesmo de Quino. Certamente li essa tira de Mafalda antes de fazer meus cartuns em 1992. Mostro apenas 3 dos 6 cartuns que compõem essa série. Não é exatamente a mesma coisa, mas em alguns pontos há muita semelhança.



VOCÊ ACHA POSSÍVEL  
HAVER VIDA EM OUTRO  
PLANETA?

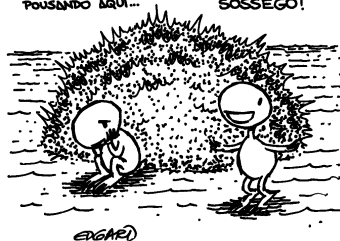
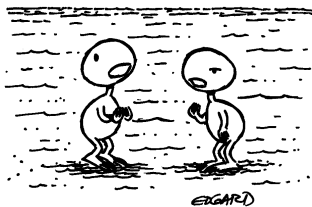
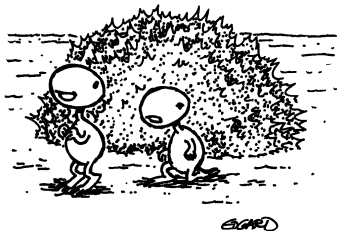
SE É POSSÍVEL  
HAVER NESSE...

POR QUÊ ELLES  
DEMORAM TANTO A  
FAZER CONTATO  
CONOSCO?...

ORA, NÃO SÃO  
UMA RAÇA COM  
INTELIGÊNCIA  
AVANÇADA?

NÓS NUNCA  
TEREMOS NAVES DE  
OUTROS PLANETAS  
POUSANDO AQUI...

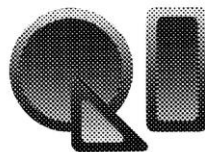
PELO MENOS ISSO  
ESTE PLANETA  
TEM DE BOM:  
SOSSEGO!



O caso seguinte é mais uma curiosidade, pois não houve cópia nenhuma, já que eu nem cheguei a fazer o trabalho.

O Henrique Magalhães sempre produziu cartões postais divulgando os lançamentos de sua editora, a Marca de Fantasia. E usava esses cartões tanto para divulgação como para escrever cartas rápidas enviadas junto com suas edições aos leitores.

Um desses cartões trazia uma foto em alto-contraste que logo me chamou a atenção e logo me deu uma ideia para fazer um cartum-ilustração para a capa do **QI** – um sujeito entra numa loja que se chama ‘A Felicidade’ e pergunta se tem ‘felicidade’ para vender. Na hora que fui fazer o cartum, pensando em como colocar a ideia no papel, decidi fazer algo mais sutil, que não ficasse explícito. Fui elaborando a ideia até que cheguei num resultado que achei bom. Aí vi que o meu resultado bom já era o que estava no cartão postal. Aí coloquei o próprio cartão na capa do **QI 120** (mar/abr/2013).



120



De um cartão postal enviado por Henrique Magalhães

Nos casos mencionados, há os casos claros de coincidência (desde que se acredite em minha palavra) e os casos de cópias não intencionais (também a se acreditar na minha palavra).

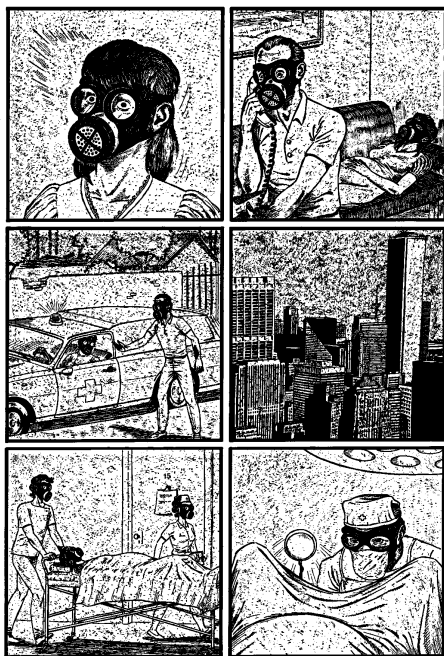
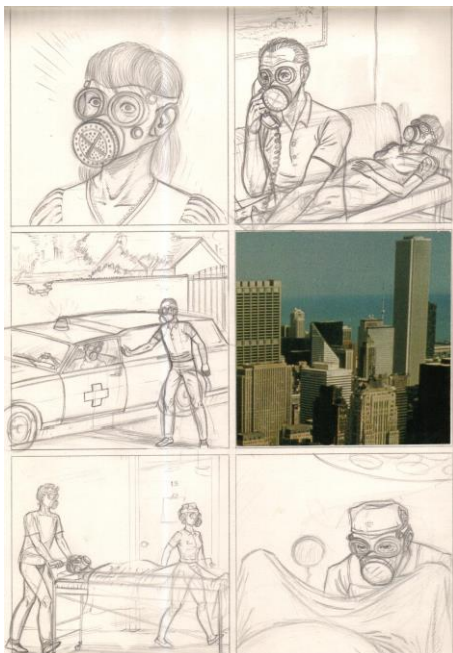
Vamos agora para os aspectos mais melindrosos da questão, aos casos de cópias intencionais, mas supostamente lícitas. Ou seja, as referências. Sem dúvida, é lícito usar imagens de referências para a produção de ilustrações ou quadrinhos. Mas até onde vai a licitude?

Começemos por onde não há dúvidas. O uso de modelos vivos para ilustrações. Os profissionais dos quadrinhos com um certo cacife usam modelos vivos para compor seus quadrinhos. O desenhista faz o desenho copiando do modelo, paga o modelo e tudo certo.

E o uso de fotos feitas por outras pessoas como referência? Embora esteja usando uma imagem que foi obtida por outra pessoa, aparentemente é algo lícito. É comum grandes autores, quando entrevistados, dizerem que um desenhista deve formar um arquivo de referências composto por livros, revistas, jornais etc. Carl Barks não cansava de dizer que usava as fotos da revista **National Geographic** para compor as paisagens em suas histórias dos Patos. A editora Bonelli tem a mania de dar a seus personagens os rostos de atores famosos norte-americanos. Pode ser um jeito de homenagear seus atores preferidos. Mas também é um jeito fácil de obter imagens de referência, pois existe uma grande quantidade de fotos desses atores publicadas em revistas, jornais e livros.

E se em vez de fotos feitas por outros, as referências usadas forem ilustrações feitas por outros? Continua lícito? Como sempre tem gente criticando quando um quadrinhista copia alguma imagem de HQ de outro autor, parece que não é correto. Mas por que não pode copiar um desenho e pode copiar uma foto? Talvez a resposta esteja na própria palavra “referência”. Não pode ser uma cópia exata, a imagem original deve ser apenas uma ‘referência’ para a criação da nova imagem. Mas desse jeito, todas essas cópias feitas de uns por outros estão sempre num novo contexto, numa nova história, em novos personagens, apenas a pose ou o enquadramento são copiados. Fica a questão.

Ao lado, uma página de HQ que fiz para o álbum **Eco Lógico**, que editei em 1992. Fiz o desenho a lápis para depois fazer a arte-final a nanquim diretamente num papel vegetal sobreposto. No quarto quadro eu queria uma visão geral de uma grande cidade. Como eu queria uma dose de realismo, procurei uma referência em revistas. Quando achei, coloquei diretamente a imagem da foto no local do quadro e fiz o decalque no vegetal.

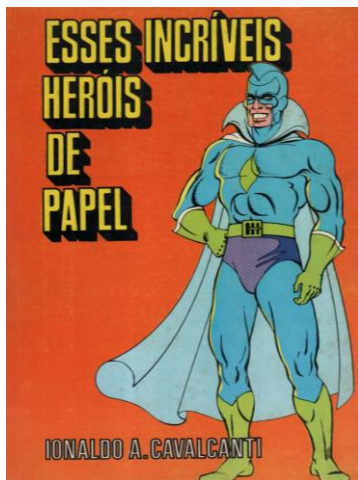
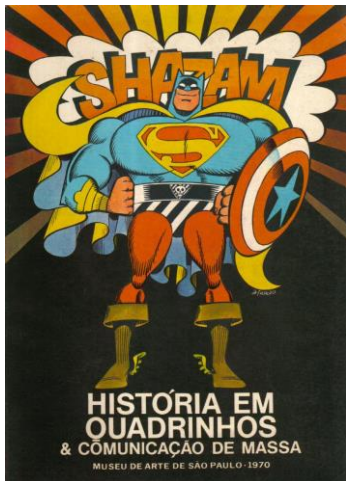




Ao fazer a ilustração, mostrada abaixo, para a capa do **QI 138** (mar/abr/2016), primeiro tentei desenhar o crocodilo de memória. Ficou muito ruim. Tive então que recorrer a alguma referência. Procurei numa enciclopédia chamada **Os Bichos**, lançada na década de 1970 pela editora Abril. Trazia 2 ou 3 páginas dedicadas à vida de cada animal, com uma página com uma grande ilustração do bicho e outras páginas com meia dúzia de ilustrações cada. Não eram fotos e sim ilustrações. O livro trazia vários répteis candidatos à referência, crocodilos, jacarés, aligátors etc. Mas não achei nada do jeito que eu queria. Lembrei que no início das aventuras de Príncipe Valente, ele enfrentava um crocodilo gigante. Achei que meu problema estava resolvido. Mas as imagens de Hal Foster, que a tantos servem, a mim, não me serviu. A solução foi uma coleção de miniaturas de dinossauros que adquiri nas bancas justamente para o caso de no futuro precisar desse tipo de referência. Tinha lá um ancestral de crocodilo, o deinosuchus, que resolveu o problema. Escapei de fazer uma cópia que talvez fosse ilícita para uma que com quase toda certeza não é.

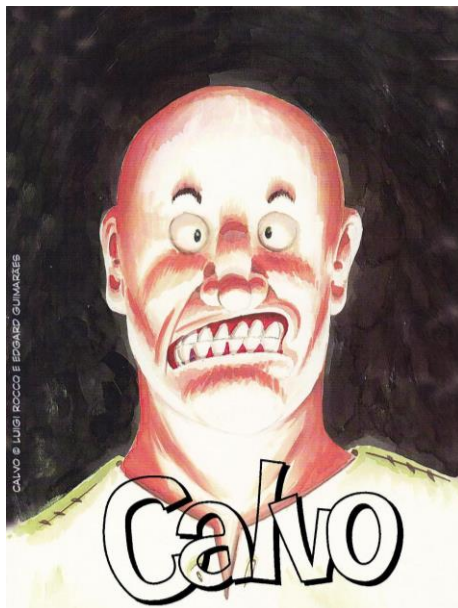


Há um tipo de referência em que o autor faz questão de dizer em que (e quem) ele se baseou. Para isso, após sua assinatura, coloca um “depois de (nome do autor original)”. Em francês, “d’après”, que significa “tomando como modelo”. Abaixo a capa que Ziraldo fez para o livro **História em Quadrinhos & Comunicação de Massa**, publicado pelo MASP em 1970, a capa de Ionaldo para seu livro **Esses Incríveis Heróis de Papel**, publicado pela editora Mater em 1988, e a ilustração que fiz para a capa da enciclopédia **Heróis Nacionais**, feita por Eduardo Cimó em 1995. Acabei não usando essa ilustração pois achei que não cabia o traço caricatural. Refiz o desenho usando traço acadêmico.



Este tipo de referência pode ser incluído na categoria “paráfrase”, que, junto com a “paródia”, são os meios legais de fazer cópia. A paródia é quando se copia algo usando o humor, o deboche. É o caso das paródias de filmes e seriados que a revista **Mad** publicava com sucesso. Há a paródia musical, em que se mantém a melodia mudando a letra, normalmente satirizando a letra original. Já a paráfrase é quando se reescreve, em tom sério, uma obra de outro autor, resultando em obra distinta. A antiga lei de direito autoral brasileira explicitava a legitimidade da paródia e da paráfrase. A nova lei, embora com muito pouca diferença da anterior, retirou este parágrafo. O melhor exemplo de paráfrase é a peça **Ópera do Malandro**, de Chico Buarque de Holanda, de 1978, baseada em **Ópera dos Três Vinténs**, de Bertold Brecht e Kurt Weill, de 1928, por sua vez baseada em **Ópera dos Mendigos**, de John Gay, de 1724.

Meio caminho entre a paráfrase e a referência, está a série ‘Calvo’, que Luigi Rocco e eu produzimos, roteiros meus e desenhos dele. O personagem Calvo é um psicopata que tem delírios homicidas. A partir do momento em que passou a ler os livros de Calvin, de Bill Watterson, passou a enxergar na forma de alucinação o que o menino via na imaginação. A série foi publicada no **QI** e em álbum da Marca de Fantasia.



Um caso que pode ser considerado paródia ou paráfrase é quando o autor faz sua história usando personagens de outros. São histórias esporádicas, às vezes com humor, mas na maioria das vezes com um argumento diferente do que se vê nas histórias originais desses personagens. Fiz várias HQs curtas com personagens como Flash Gordon, Mandrake, Fantasma, Calvin, Jujuba e Lamparina, entre outros, todos para publicação em edições amadoras. Mesmo que fossem publicadas em edições profissionais, ainda estariam dentro das categorias paráfrase ou paródia.



Por volta de 2013, Elydio dos Santos Neto me convidou a escrever um artigo sobre fanzines para um livro sobre quadrinhos que ele estava organizando junto com Marta Regina Paulo da Silva. O livro, chamado **Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas**, foi publicado em 2013 pela Editora Criativo trazendo sete estudos sobre quadrinhos e educação. Propus ao Elydio fazer meu artigo em forma de HQ e ele aceitou. Coloquei uma professora ensinando seus alunos as várias formas de fazer um fanzine em sala de aula. Como uma curiosidade, coloquei como alunos tipos conhecidos dos quadrinhos (Menino Maluquinho, Mafalda, Luluzinha, Calvin e Cebolinha). Não que houvesse algum problema legal nisso, mas, para evitar qualquer aborrecimento, coloquei apenas as silhuetas.



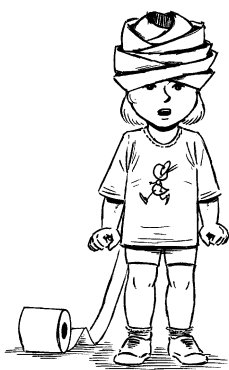


Mais uma curiosidade que nem pode ser chamada de referência ou paráfrase. Começou com a intenção de escrever uma história mais longa que tivesse o ritmo das histórias de Carl Barks com os Patos. Desenvolvi o roteiro centrado em um tio e seus três sobrinhos, todos com um tio ricoço, e aí a criação dos demais personagens foi tendo alguma relação com os personagens Disney. Às vezes mais direta como a família de malfeitores truculentos como os Metralhas, ou o ex-policial de orelhas grandes apelidado Quijara, ou o cientista apelidado Pardal. Para completar, alguns receberam nomes bem próximos aos equivalentes Disney, como os três sobrinhos: Hugo, José e Luiz. Mas a referência é periférica e a história se sustenta sem as referências.



Este meu segundo romance em quadrinhos foi publicado em capítulos no **QI**, entre os nºs 75 (jul/ago/2005) e 124 (nov/dez/2013), e depois compilado no livro **Rolando Duque**. Está disponível nas versões digitais do **QI** no sítio [www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com) na página EGO/QI.

Também um caso periférico está relacionado à compilação que fiz de minha série de tiras 'Ju&Jigá'. Feita inicialmente para um jornal cultural local, depois apresentada no sítio Marca de Fantasia e finalmente compilada em livro pela própria Marca de Fantasia. A tira e os personagens são totalmente distintos, sem referências a qualquer outra obra. Mas quando anunciei o lançamento do livro no **QI**, fiz desenhos remetendo a grandes obras das HQs como Iznogud, Lucky Luke, Asterix, Calvin e Menino Maluquinho.



**EU  
QUERO  
SER  
GALIFA  
NO  
LUGAR  
DO  
GALIFA**

O último caso é (ou seria) mais polêmico. Pensei em fazer um livro de bolso (1/4 de ofício) com uma centena de páginas com um personagem entrevistado pelo Jô Soares. Poderia ser uma coleção, em que cada livro teria um entrevistado diferente. Um trabalho com um potencial para publicação profissional. E que poderia ser oferecido ao próprio Jô Soares, que sempre se interessou por quadrinhos e quase teve uma revista publicada pela RGE na década de 1970. Seria, portanto, “um livro de Jô Soares”, resguardados todos os direitos, inclusive os de imagem.

Com essas ideias em mente, escrevi o roteiro que foi desenhado pelo Laudo Ferreira. Não tenho lembrança se tentamos fazer o trabalho chegar ao Jô Soares, se sequer ele chegou a ver a história pronta, o fato é que não houve qualquer resultado em termos de publicação profissional.

Publiquei o livreto de forma amadora para uma meia dúzia de interessados. O nome do apresentador não foi mencionado. Para todos os efeitos, é uma paródia, como tantas que há por aí.

